

T E M P O R E D I M I D O

O que nós perdemos, mesmo quando o lembramos, as coisas o guardam. O tempo delas, no perfume que as denuncia ou na cor que as manifesta, é a única eternidade sensível a que temos acesso. Como Proust ou Vermeer podemos viajar sem fim no labirinto intemporal do perfume dos lilases mortos ou num amarelo que nos perturba como se fosse a única cor de Deus. Para colher esse tempo coagulado no coração ou no interstício das coisas precisamos, curiosamente, que elas se nos tenham tornado invisíveis. Ou talvez melhor, que nós de algum modo tenhamos cegado para elas. É assim que sem darmos por isso, mero olhar passando pelo mundo, nós imaginamos ver a realidade no momento mesmo em que a perdemos. Como reavê-la? Escutando o Pequeno Príncipe e a sua profissão de fé de que o essencial é invisível aos olhos...? Mas onde se refugia a alma destinada à travessia das aparências, senão no olhar que lhe revela a realidade de todas as aparências? Semelhante olhar subtrai-nos à nossa natural inconsistência e devolve-nos, como se acordássemos, à virgem claridade do seu mundo que sempre estamos vendo sem o ver. Como se tocássemos o coração do mundo, aquele ponto onde o tempo parece escapar ao tempo.

É desta natureza o olhar que Henrique Dinis da Gama pousa sobre o mundo visível mas em permanência submerso pela nossa desatenção. No seu primeiro e belíssimo livro, esse olhar original desencantava a invisível arquitectura de ângulos, linhas, configurações e volumes anunciados num portal, nas estrias de um mármore

T E M P S R A C H E T É

truncado, em motivos anónimos de ruas sem glória que teriam deliciado Cesário oferecendo-lhe uma Lisboa fantástica na sua banalidade transfigurada. Uma poética do espaço corria paralela à do seu olhar que unificava por dentro uma visão ávida do pormenor colhido na sua intensidade de signo que a si mesmo se basta. Raramente o espaço real de Lisboa, o jogo anónimo dos seus volumes e sombras terá sido apreendido com tão ascético esplendor, longe de toda a mitologia e pitoresco.

Não é diferente o olhar que neste novo livro Henrique Dinis da Gama pousa sobre o mundo de destroços que podiam ser da História, mas são apenas os do tempo, que no Tejo, como imagem petrificada do seu fluir, ficam inscritos em cascos ou proas de barcos mortos, como sonhos imóveis. O abandono, a subtil alquimia do sol e da água deram a essas cores, semelhantes a gotas de tempo, a sedução absoluta de pinturas de ninguém. Mas podemos sem esforço olhá-las como gémeas dos ícones familiares da outra pintura. O tempo, o tempo só, lhes deu por companhia os Poliakof, os Rothko, os Soulages que nos recordam. O tempo, mas sobretudo o olhar do poeta que as tirou do excesso de luz que as tornava invisíveis e as deixou fulgurar no seu claro mistério.

Providence, 25 de Outubro de 1995

EDUARDO LOURENÇO

Ce que nous perdons aucun souvenir ne nous le rend, seules les choses le gardent. Enseveli dans un parfum ou dans une couleur, leur temps est la seule éternité sensible à laquelle nous accédons. Comme Proust ou Vermeer nous pouvons voyager sans fin dans le labyrinthe intemporel du parfum des lilas éteints ou dans un jaune qui nous trouble comme s'il était l'unique couleur de Dieu. Pour cueillir ce temps coagulé au cœur des choses, il faut, curieusement, qu'elles nous soient devenues invisibles. Ou plus justement peut-être que nous soyons devenus comme aveugles devant elles. C'est ainsi que sans nous en apercevoir, simple regard se promenant dans le monde, nous croyons voir la réalité au moment même où nous la perdons. Comment la retrouver? En écoutant le Petit Prince nous dire que l'essentiel est invisible aux yeux? Mais où se réfugie l'âme destinée à percer les apparences sinon dans le regard qui lui révèle la réalité de toutes les apparences? Semblable regard nous soustrait à notre naturelle inconsistance et nous ramène, comme si nous nous éveillions, à la vierge clarté du monde que nous voyons sans le voir. Comme si nous touchions le cœur de la vie, ce point où le temps paraît échapper au temps.

C'est un regard de cette nature que Henrique Dinis da Gama pose sur le monde visible occulté en permanence par notre inattention. Dans son premier livre, très beau, ce regard original nous révélait l'invisible architecture d'angles, de lignes, de configurations et de volumes inscrits dans un portrait, dans les stries d'un marbre tronqué, dans les motifs anonymes de rues sans gloire qui auraient fait les délices

O TEJO

MARGENS E MEMÓRIA

de Cesário Verde en lui offrant une Lisbonne fantastique dans sa banalité transfigurée. Une poétique de l'espace doublait celle du regard qu'unifiait du dedans une vision éprise du détail saisi dans son intensité de signe qui se suffit à lui-même. Rarement l'espace réel de Lisbonne, le jeu anonyme de ses volumes et de ses ombres aura été appréhendé avec splendeur aussi ascétique, éloignée de tout pittoresque.

Dans son nouveau livre, Henrique Dinis da Gama pose le même regard sur un monde d'épaves qui pourraient être celles de l'Histoire mais sont seulement celles d'un temps qui au bord du Tage s'inscrit dans la proue des bateaux échoués, comme un rêve immobile. L'abandon, la subtile alchimie du soleil et de l'eau ont donné à ces couleurs semblables à des gouttes de temps, la séduction absolue de peintures de personne. Mais nous pouvons sans effort les regarder comme identiques aux icônes familières de l'autre peinture. Le temps, seul de temps, les a rapprochées des Poliakof, des Rothko, des Soulages qu'elles évoquent pour nous. Le temps, mais surtout le regard du poète, les soustrayant à l'excès de lumière qui les rendaient invisibles, les a laissé scintiller dans leur mystère éclatant.

Providence, 25 Octobre 1995
EDUARDO LOURENÇO

[TRADUCTION DE ANNIE DE FARIA]

























